

# LÉXICO DE BARTHES

Rodrigo da Costa Araujo<sup>1</sup>

**RESENHA:** SIMÓN, Gabriela (org.) *El vocabulario de Roland Barthes*. Córdoba. Argentina. Comunic-Arte. 2012. 192 p.

**RESUMO:** Resenha/ leitura do livro *El vocabulario de Roland Barthes* (2012), de Gabriela Simón. Nele aborda-se, didaticamente, o pensamento do crítico, escritor e semiólogo Roland Barthes (1915-1980) em suas várias nuances e questões, tais como: a semiologia, o signo, a significação, a literatura, a escritura, o texto, a imagem, o estereótipo, a naturalização, a obra etc.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roland Barthes - Semiologia - crítica literária – léxico

Em *El vocabulario de Roland Barthes* (2012), de Gabriela Simón aborda-se o pensamento do crítico, escritor e semiólogo Roland Barthes (1915-1980) em suas várias nuances e questões, tais como: a semiologia, o signo, a significação, a literatura, a escritura, o texto, a imagem, o estereótipo, a naturalização, a obra etc. Nessa espécie de mapeamento do léxico barthesiano, encontram-se, também, os textos do “último Barthes”, os quais apresentam outros desafios para seu estudo, em vista do tom fragmentário de sua escritura e pela densidade teórica de seu pensamento.

Nessa busca da linguagem de Barthes, pela tradução de sua teoria e postulado teórico, o próprio livro *El vocabulario de Roland Barthes* explicita as condições da apreensão e da produção do sentido, quaisquer que sejam os regimes semióticos em jogo. O estudo da semiologia, mesmo a de outros teóricos franceses, não será possível sem a instituição prévia de um regime de representação que envolve separação, ausência, distanciamento e substituição. Sem desdobramento não há sentido.

---

<sup>1</sup> Rodrigo da Costa Araújo é professor de Literatura Infantojuvenil e Teoria da Literatura na FAFIMA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé



A obra pretende fornecer uma arqueologia da Semiologia, conseqüentemente, do signo e da representação que permite entender o processo da formação da semiose dentro e fora da linguagem e propõe, ainda, a cartografia do saber de Barthes, através do traçado do mapa europeu, do seu desenvolvimento e da sua consolidação. O século XX veio revelar o aparecimento de um pensamento semiótico significativo, que tomou forma a partir de nomes como os de Saussure e de Barthes e que, configurado em movimentos ou escolas, instituiu um domínio em várias áreas do conhecimento.

Assim, esse glossário de Barthes, preparado pela professora Gabriela Simón e de outras estudiosas, é o resultado de um trabalho em equipe que reuniu interessados em estudar o pensamento do crítico francês. Os verbetes, naturalmente, não se esqueceram de lembrar que os textos de Barthes apresentam um encadeamento conceitual dos mais curiosos: uma vez apresentado e definido o termo, o autor volta a usá-lo em outros lugares (em outros livros e entrevistas) com uma sem-cerimônia absoluta. Isto é, emprega o termo novamente, sem tomar as devidas precauções de clareza que ajudariam - e muito - um leitor principiante.

Tendo, portanto, perdido o momento da inscrição e definição de algum termo, o leitor ficará literalmente no ar diante desse vocabulário de Barthes que lhe aparecerá (então) hermético, muito além do seu conhecimento e argúcia. Tal dificuldade se soma ao fato de que a construção da frase do crítico não é sempre a mais cartesiana, embora sua sintaxe tenha a lógica do impecável que, em prosa francesa era antes único privilégio de Mallarmé. Por fim, diga-se que o gesto básico dos textos de Barthes articula um questionamento ou uma perspectiva que se abre às Ciências Humanas e que constitui, por si só, um olhar de que o social se sustenta por mitos - figurações de sentidos que configuram um imaginário comum a determinada sociedade - fabricados no simbólico e que estruturam no nosso universo de sentido e, até, a nossa visão de mundo.

Frente, portanto, a um léxico de significado flutuante do crítico e semiólogo, a uma sintaxe de esteta e a um pensamento iconoclasta, quem abre *Le plaisir du texte* (1973) desiste, muitas vezes, de sua leitura na terceira





ou quarta página por conta do vocabulário e das alusões que compõem sua lógica intertextual, sua rasura e neologismos próprios de sua poética. O objetivo desse vocabulário de Roland Barthes é, justamente, ajudar o leitor nesse processo de entendimento do texto como reescrita, ou mesmo, de como uma moral da escritura sucede/permite o hedonismo da leitura.

Será, pois, à escritura que Barthes exigirá o desafio ao logocentrismo da cientificidade. Coube à obra *Sur Racine* a instauração de uma polêmica sobre a crítica, reforçando a fratura entre a crítica clássica, e a crítica moderna, formalista. Os *Essais Critiques* (1964) surge, justamente, no cerne dessa polêmica, mas foi *Critique et Vérité* (1966) que respondeu a Picard, desmontando a ideologia instalada na crítica do bom senso, bom gosto de objetividade. Com *Le plaisir du texte* (1973), culmina o ciclo dedicado à escritura e que confere ao crítico, de uma vez por todas, o estatuto de escritor. A partir do texto barthesiano, a crítica confunde-se com a escritura, ganha, ela própria, uma dimensão literária e que, de certa forma, faz eco nos verbetes desse livro.

A noção de texto amplia-se e torna-se abrangente a um conjunto de prática de escritura até então relegadas para um estatuto inferior porque fora do literário. A teoria do texto, com Roland Barthes, deixa de ser a simples literatura. Atento à emergência de uma noção de texto como produtividade, ele acentuará, cada vez mais, a polifonia inerente à textualidade, resultante da multiplicidade de códigos que o texto literário convoca à cena, como o demonstra em *S/Z*, através do estudo da sua articulação em 561 (quinhentas e sessenta e uma) *lexias* (*lexias* = unidades de leitura), estudadas na ordem em que aparecem.

A divisão do texto em *lexias* é em grande parte arbitrária, como o próprio Barthes reconhece, mas trata-se de uma “questão de comodidade: basta que ela seja o melhor espaço possível onde se possam observar os sentidos [...]. O texto, em sua massa, é comparável a um céu plano e profundo ao mesmo tempo, sem bordas ou balizas. Como o áugure nele recortado com a ponta de seu bastão um retângulo fictício, para aí interrogar, segundo certos princípios, o voo dos pássaros, o comentador traça, ao longo do texto, zonas



de leitura, a fim de observar a migração dos sentidos, o aflorar dos códigos, a passagem das citações” (pp.20-1)<sup>2</sup>.

Aliás, texto de crítica, *S/Z* é exemplo criativo e criterioso do trabalho textual que Barthes propõe. Lendo essa obra, fica confirmada a impressão de que, atualmente, na França, a grande escritura se faz na metalinguagem, ou por outras palavras, que a fronteira entre a escritura arte e a escritura crítica desapareceu definitivamente.

Nesse sentido, *El vocabulario de Roland Barthes* configura diversas maneiras de visitar os textos e conceitos de Barthes, percorrendo seus labirintos, esse que como leitores tecemos e destecemos, segundo os ensinamentos do próprio semiólogo. Pois sua escritura é uma experiência de disseminação que dispara, hoje e para além de seu tempo, motivos e modos de pensar problemas, para interrogar os textos, recorrer distintos campos disciplinares e diversos objetos. Nesse horizonte, este livro situa seu objetivo e proposta.

Essa é apenas uma das parcelas da excelência das investigações de Gabriela Simón (organizadora), que demonstra, ainda, com habilidade inigualável, a importância da estética e recepção da poética barthesiana. Não poderia ter sido a autora e equipe de estudo dela na escolha adequada do objeto, uma vez que os textos de Barthes transitam com igual desenvoltura por entre os públicos, do geral ao especializado. A sabedoria quanto às formas de comunicação e proposta semiológica de Barthes situa-o em lugar muito próprio no seio do melhor que a crítica francesa já apresentou. Ao estudá-lo, Gabriela Simón abraça campos de entendimentos de diferentes espécies, efetuando análises comparativas minuciosas e de utilíssimas a todos que se voltem para o aproveitamento das delícias da obra ela mesma (ler e desfrutar) e para os que prosseguem em direção aos prazeres advindos da aprendizagem dos satisfeitos processo construtores dos verbetes apresentados para a feitura estética.

Transdisciplinar e pontual, *El vocabulario de Roland Barthes* recorre a múltiplos arquivos, oferta-nos delicadas pistas, como se - também, utilizando-

---

<sup>2</sup> BARTHES, Roland. *S/Z*. Paris.Seuil. 1970. pp. 20-21.





se da astúcia e da fineza do escritor-esteta - estivesse ao lado do leitor a transmitir as técnicas e as sutilezas da investigação crítica e pontual. Enfim, além de fertilizar a vida crítica da instituição literatura e ativar a práxis textual e semiológica de Barthes, este livro convida-nos a saberes diferidos, enfocados sob ritmos, vontade e valores constituintes de nossas melhores pesquisas na área.

## **GLOSSARY OF BARTHES**

### **Abstract**

Review / book reading *El vocabulario* Roland Barthes (2012), Gabriela Simon. It broaches up didactically thought of the critic, writer and semiotician Roland Barthes (1915-1980) in its various nuances and issues, such as semiotics, the sign, significance, literature, writing, text, image, stereotype, and naturalization, work etc.

**Keywords:** *Roland Barthes - Semiotics - literary criticism - lexicon*

### **Referências Bibliográficas:**

SIMÓN, Gabriela (org.) *El vocabulario de Roland Barthes*. Córdoba. Argentina. Comunic-Arte. 2012. 192 p.